



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA



*Sílvio Elia em Coimbra, 1970 (acervo particular Geraldo Cintra).
Publicado em ALTMAN, Cristina. A pesquisa Lingüística no Brasil.
São Paulo: Humanitas, 1998, p. 64.*



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

SÍLVIO ELIA, POR SÍLVIO ELIA *

Na minha casa não havia preocupação maior com línguas, minha mãe era alagoana, eu sou de família modesta. Meu pai era italiano, imigrante italiano, muito curioso de coisas, freqüentava as coisas italianas, naturalmente que eram as óperas italianas, ele gostava muito de ler e tal, mas também não era ligado em línguas.

Acho que entrei no Pedro II quando tinha 12 anos. Eu me lembro que, quando houve a Revolução de 1930, eu era aluno do Colégio Pedro II, estava na 4ª série, por aí. As mulheres não freqüentavam muito as escolas. A minha turma foi a segunda do colégio que admitiu alunas, quer dizer, na turma anterior só havia uma aluna, no ano seguinte, havia umas oito, mas era pouca gente. Não havia Faculdade de Letras. Com as primeiras faculdades de Letras é que começou a formação de professores de modo geral, porque até então no Rio de Janeiro era só a formação de médicos, engenheiros, advogados. Mas até aí, os melhores professores de Letras do Rio de Janeiro, e, naquela ocasião, se pode dizer do Brasil, estavam no Colégio Pedro II.

Lembro muito bem que o Pedro II era considerado o colégio padrão do Brasil. Os meus professores de Língua Portuguesa eram excelentes. No primeiro ano, foi José Oiticica (1882-1957). No segundo ano, foi Antenor Nas-

* Este texto foi editado a partir da entrevista a mim concedida por Sílvio Elia, em junho de 1995, durante o X Encontro Nacional da ANPOLL, em João Pessoa. O texto inverte a ordem de alguns comentários, omite as perguntas e muito das interferências, das repetições e hesitações próprias da linguagem falada, mas reproduz em essência a espontaneidade dos comentários de Sílvio Elia, bem como é fiel às suas opiniões. As fitas que registraram o encontro, incorporadas ao projeto Primeira Pessoa, bem como a transcrição realizada pelas alunas Olga Coelho e Luciana Gimenes, estão depositadas no Centro de Documentação em Historiografia Lingüística (CEDOCH) do Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo. Os eventuais erros e lacunas são de minha responsabilidade, Cristina Altman.



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

centes (1886-1972). No terceiro ano, foi Jônatas Serrano (?). No quarto ano, voltou a ser Antenor Nascentes, que foi nosso professor de gramática histórica. Realmente quem entendia melhor ali de gramática histórica era Nascentes. Oiticica também conhecia, mas não era a especialidade dele. Os dois eram os grandes filólogos da ocasião. Oiticica era um pouco heterodoxo, mais gramático, homem de opiniões muito pessoais e realmente um homem inteligente. Nascentes tinha formação européia – tanto que ele fez o Dicionário etimológico da língua portuguesa e pôs aquele prefácio do Meyer Lübke. Oiticica não tinha essas relações internacionais, embora ele lesse os livros, não tinha as relações que Nascentes tinha.

Oiticica foi o primeiro quem despertou meu gosto pelas línguas. Isto porque que ele tinha um livro, que devia ser reeditado, chamado Manual de análise, que fazia análise fonológica e fonética, análise morfológica e análise sintática, tudo do ponto de vista pessoal e do ponto de vista inteligente.¹ Ele chamava de ‘fonologia’, mas não tinha nada a ver com fonologia, muito pelo contrário. Ele classificava os fonemas em ‘inarticulado’, ‘monoarticulado’, ‘biarticulado’. Ele achava que o fonema inarticulado é o [ã] porque não tem força, marcha, sei lá. Então esse som para ele era o primeiro som que surgia, que não dependia de articulação nenhuma. Depois então é que vinham as articulações conforme a posição da língua. As vogais eram monoarticuladas e as consoantes a mesma coisa. O Manual de análise é realmente muito interessante por conter algumas coisas que até podiam lembrar esses gerativistas. Tem algumas idéias assim parecidas com a gramática gerativa. Ele não falava em estrutura profunda, mas fazia muitas análises considerando pensamentos subjacentes do texto. Oiticica tem o Manual de estilo também. É interessante, mas ninguém ensina estilo, não é?

1 Provavelmente, ao fazer esses comentários, Elia também tinha em mente os *Estudos de Fonologia*, de 1916, tese com a qual Oiticica obteve a cátedra de Língua Portuguesa no Colégio Pedro II.



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

Nascentes seguia mais a fonética dominante. Tanto que Nascentes não aceitava o 'fonema inarticulado', se era fonema tinha que ser articulado. Ele tinha dois livrinhos muito práticos, um era de análise léxica, outro de análise lógica. Naquela ocasião se fazia análise lógica, mais tarde é que se começou a chamar análise sintática. Esses livrinhos eram muito bons.

Nascentes foi outro que me influenciou, foram os dois que me influenciaram, aliás os três. Serrano era professor de história, mas era um homem que gostava muito de estudar também língua portuguesa. Dos três, Oiticica, Nascentes e Serrano, quem escrevia melhor era o Serrano, quer dizer, tinha mais gosto, mais estilo. Nascentes era muito seco, muito didático. Oiticica, como sempre, muito pessoal. Eu gostava mais do Serrano. Ele tinha grandes leituras, e nos chamou a atenção para os problemas da sintaxe da língua naquela ocasião. No secundário, líamos até Camões. Não acredito que fazer análise sintática d' Os Lusíadas tira o gosto pela obra. Quem lê Os Lusíadas, ou gosta ou não gosta. Se gostar, análise sintática não altera nada. Se o indivíduo tivesse lido o autor e gostado, ele ia continuar a leitura, essa é que é a verdade. Eu passei a gostar e acompanhar livros sobre o Português. Livros do João Ribeiro (1860-1934), livros do Mário Barreto (1879-1931), livros do Saïd Ali (1861-1953). Foi aí que eu me liquei mais em línguas realmente. Eu gostava de francês, gostava de inglês, de latim também sempre gostei muito. O léxico, a construção da frase, o latim sempre foi uma atração. É uma língua de estrutura diferente. O confronto com o português, aquilo que o português tirou do latim, já chamava a nossa atenção.

Nascentes tinha uma boa formação na língua alemã; Oiticica também. Oiticica, inclusive, foi reitor na Alemanha, praticou um pouco de alemão lá. Isso é outra coisa que no meu tempo não havia. Não havia essa facilidade das bolsas de estudo. Hoje há mais facilidade de contatos com o exterior. Eu já tinha uma certa idade quando fui dar aula em Portugal, fiquei dois anos em Lisboa e um ano em Coimbra. Em Lisboa, dei aulas de 'Introdução aos Estu-



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

dos Lingüísticos' e em Coimbra, 'Filologia Românica'. Nunca dei 'Língua Portuguesa'. Eu até não gostei que um jornal disse: Professor brasileiro vai ensinar português aos portugueses. E logo eu que não ia ensinar língua portuguesa!

Depois foi ficando mais fácil essa questão de bolsas. Meus netos vão para a Inglaterra, vão para os Estados Unidos, é uma certa facilidade que não havia antigamente, porque agora tem a aviação. A gente antes tinha que tomar um transatlântico, era uma coisa mais difícil de se fazer, tínhamos que nos guiar pelos livros. Veja os textos latinos. Não havia nenhuma editora brasileira que editasse César ou Virgílio, ou Cícero. Então a gente comprava as edições francesas. Nós já tínhamos conhecimentos suficientes de francês para entender os comentários das boas edições escolares usadas nos liceus franceses. Nossas livrarias tinham livros importados e eram muito melhores do que as de hoje. Havia, por exemplo, duas livrarias italianas no Rio de Janeiro. Havia a Livraria Francesa, a Garnier, a Livraria Espanhola, a Livraria Alemã. A gente podia até encomendar os livros. Naquela ocasião esses trabalhos científicos não tinham tradução, e era melhor, porque essas traduções geralmente são mal feitas. Hoje é difícil. Onde é que você vai encontrar um livro alemão, um livro italiano? De modo que essas influências foram auridas, vamos dizer assim, na escola, não em casa. Em casa não havia, realmente, nada que me levasse a estudar línguas.

Já formado pelo Pedro II, fiz um curso superior, de Direito, que terminei em 1936. Não havia faculdades de Letras. Em 1946, fiz um concurso de língua portuguesa para escolas secundárias. Foi aí que comecei a minha carreira de magistério, como professor de ensino secundário de escolas da antiga prefeitura do Distrito Federal do Rio de Janeiro. Também não fiz doutoramento. Eu era catedrático, catedrático fundador. Era professor universitário, professor da Federal do Rio de Janeiro, professor da Faculdade Católica, professor da Faculdade Católica de Petrópolis também, onde o Mattoso ensinou e de onde ele gostou mais, tanto que ele deixou a biblioteca dele para a Faculdade



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

de Petrópolis. Fui me aposentando sucessivamente. O último lugar de que eu me aposentei foi a Universidade Federal Fluminense. Eu já me tinha aposentado quando completei 70 anos, é obrigatório. Devia se chamar 'expulsória'.

.....

O governo não interferia. A única coisa em que interferiu foi a reforma ortográfica, foi Getúlio Vargas que fez. Essa novela de ortografia simplificada, que até agora existe, começou no princípio do século, e nós estamos encerrando o século. A culpa é de Portugal. Gonçalves Viana (1840-1914), que foi o pai da ortografia simplificada portuguesa, publicou a *Ortografia nacional* em 1904, para você ver como estava bem no comecinho do século. Já havia uma lingüística florescente, o método histórico-comparativo, a etimologia, e uma grande descoberta da época chamada 'leis fonéticas'. A gramática histórica estudava principalmente isso: as leis fonéticas. Como é que do latim se chegou ao português, por exemplo: por que todas as oclusivas surdas se sonorizaram, como em *vita* dando vida? Assim o [p] passa para [b], por exemplo, *lupo dá lobo*; *ph* é um [p] aspirado, que não existia em grego, e é duvidoso que existisse em latim. Esse *ph* era um *p* pronunciado [f] simplesmente, sem razão de ser escrito, porque não correspondia ao que era falado. As leis fonéticas levavam a uma outra concepção dos sons da língua e, por conseguinte, de ortografia. As consoantes geminadas, como em *annos*. Ninguém pronuncia dois 'enes'. No latim era uma consoante longa, mas nós não temos consoantes longas ou breves.

Batalhando sobre isso, o governo português nomeou uma comissão. Essa comissão, de 1911, composta pelo professor Geraldo Pinto e muitos maiores da época,² tomou por base a proposta de Gonçalves Viana, com

2 Não consegui localizar Geraldo Pinto. Seja como for, Lourenço de Oliveira (1933:77) cita como membros da Comissão Portuguesa de 1911: Carolina M. de Vasconcelos, Gonçalves



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

algumas alterações. Esta foi a ortografia oficializada em Portugal. No Brasil, Oiticica adotou, Nascentes adotou, Mário Barreto adotou, Souza da Silveira adotou. Houve outros que não adotaram. João Ribeiro não adotou, Nogueira também não.³ Quando Getúlio instalou o governo provisório em 1930, era um governo ditatorial, saiu daí um acordo, em 1931, praticamente esse que ainda hoje está em uso no Brasil e que Portugal não seguiu. Seguiu e não seguiu, porque há um artigo, uma norma, uma regra, vamos dizer assim, que diz que não se escrevem as consoantes que não se pronunciam. Portugal continuou escrevendo objecto, acto. Foi Gonçalves Viana que inventou que essas consoantes são necessárias para indicar o timbre aberto da vogal anterior, que dizer que não é obj[e]to, é obj[E]to.

Os livros que eu citei, do Nascentes, do Oiticica, eram escritos na ortografia de Gonçalves Viana adotada em Portugal, que eles adotavam no Brasil. Naquela ocasião, nem para os livros didáticos havia uma ortografia obrigatória, não havia uma ortografia oficial no Brasil. Era uma ortografia tradicional, uma tradição ortográfica, não uma legislação ortográfica. De modo que uma pessoa podia escrever de outro modo, sem que isso fosse um problema. Eu gostava da ortografia simplificada, achava aquilo bem interessante. Era uma novidade para nós. Eu achava que philosophia com duas vezes ph era mais difícil. Então eu passei a adotar para mim a ortografia simplificada. Nas provas eu não usava, no colégio eu usava a ortografia tradicional mesmo, mesmo porque os alunos não conheciam as regras.

.....

Viana, Cândido de Figueiredo, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Gonçalves Guimarães, Ribeiro de Vasconcelos, Epifânio Dias, Júlio Moreira, José Joaquim Nunes, Manuel Grainha.

3 Trata-se, provavelmente, de Júlio Nogueira (?).



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

A lingüística moderna no meu livro⁴ é a lingüística que vem depois do método histórico-comparativo. O método histórico-comparativo compara as línguas com organismos que nascem, vivem e morrem, é a biologia da linguagem, línguas vivas, língua mortas, como se houvesse uma fatalidade, um fatalismo, e isso não é verdade. A meu ver, a lingüística é uma ciência do espírito: criativa, ou da mente humana, ou mentalista. Não acho que é o que Chomsky faz. Chomsky fundamenta a lingüística como uma parte da biologia da linguagem. Ele diz que a mente humana é um órgão mental como qualquer outro órgão, então é um biologismo, naturalismo, mecanicismo, quer dizer, desapareceu toda a criatividade. O que é redutor é exatamente o mecanicismo, que vê as línguas como se elas tivessem uma força interna que as levasse a caminhar sempre fatalmente em um determinado sentido. E não há nenhum fatalismo lingüístico, não é?

A gente reconhece que há tendências, mas como a lingüística é uma ciência humana, ninguém é profeta. Ou seja, às vezes a gente está pensando uma coisa e sai outra. Por exemplo, essa questão da Rússia, do comunismo. O império soviético desapareceu de uma maneira que não a esperada. Todo mundo podia calcular que haveria um conflito entre a Rússia, por um lado, e os Estados Unidos, por outro. Mas não houve nada disso; de repente a coisa se deu internamente lá, e eu não vi ninguém dizer isso antes. Hoje muita gente diz que isso era previsto. São aquilo que o Nelson Rodrigues chamava de 'profetas da segunda-feira', quer dizer, o jogo de futebol é no domingo e na segunda-feira vem um sujeito mostrando como o resultado não podia ser outro, por isso são os profetas da segunda-feira. De modo que hoje há muitos profetas, dizendo que calculavam, mas eu não via ninguém dizer isso!

Não aceito, portanto, a frase que diz que "o brasileiro vai sair fatalmente do português, assim como o português saiu do latim". Tem que ver as condições

4 *Orientações da lingüística moderna* (1955). Rio de Janeiro: Acadêmica.



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

históricas, que são contingentes, variáveis. Acho que você não pode prever, por exemplo, como será a língua portuguesa no Brasil daqui a tantos anos, se ela vai se aproximar mais de Portugal, ou a de Portugal da do Brasil, ou se vão se diferenciar mais. A gente não sabe ainda as coisas que estão para vir. Ainda mais agora, com todo o progresso tecnológico, informática, com a invasão do inglês, por exemplo, tem até aquela Internet e não sei mais o quê. Eu vejo que a mocidade quase toda sabe inglês hoje em dia, não é? Fala inglês, entende inglês e pronuncia inglês bem, põe nas suas camisetas frases inglesas e não sei mais o quê, não é? Há uma americanização que não é só aqui na América do Sul, não, mas na Europa também, você conhece. Agora, se vai continuar, não sabemos.

Em lingüística fui, portanto, idealista, entendido o idealismo como o estudo das forças criativas permanentes que existem na evolução das línguas, nas suas manifestações exteriores. O idealismo aceita o que é histórico, o que é social, mas vê por detrás, ou por debaixo disso, sempre o espírito humano. O idealismo sempre foi mentalista, nunca foi mecanicista. Gozando, sempre, na língua, há o aspecto criativo do espírito humano, na tradição da reflexão de Humboldt, Hegel, do Coseriu também. Croce fazia uma divisão entre duas grandes ciências, uma, a ciência histórica, que estuda historicamente a evolução da língua; e outra, que as estuda criativamente. À parte criativa ele dava o nome de Estética. Essa parte criativa era exatamente aquela que aparecia na linguagem, a linguagem como criação. Vossler tem um capítulo que se chama “A língua como criação e como evolução”, ele aceita as duas coisas: a língua vista só como evolução é incompleta, é preciso ver a língua também em seu aspecto criativo, humboldtiano. Agora, não acho que seja estético. Neste sentido dizer que é estético não é bom, porque se faz uma ligação indevida com o aspecto literário. Por isso eu acho que o nome ‘estético’ não fica bem, causa confusão.

Serafim da Silva Neto (1917-1943) está numa fase posterior ao método histórico-comparativo, que é uma fase culturalista, quer dizer, em que as lín-



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

guas são estudadas em função da cultura a que elas pertencem. Essa é a posição dele na História da língua portuguesa. Ele já está na fase que eu prefiro chamar, em vez de fase naturalista, de fase culturalista da ciência. Por exemplo, na questão do latim vulgar, o latim vulgar seria o quê? Aliás, aí há realmente uma espécie de círculo vicioso, porque a gente estuda o latim vulgar, que é a fonte comum das línguas românicas neolatinas, que vieram do latim vulgar e não do latim clássico – mas como é que eu conheço o latim vulgar? Eu conheço o latim vulgar graças ao método histórico-comparativo que nos faz remontar ao latim vulgar, a partir das línguas românicas. Nesse sentido, o latim vulgar é uma criação do método histórico-comparativo, e acaba sendo homogêneo, porque resulta daquelas leis fonéticas. Mas o latim vulgar não era homogêneo, é heterogêneo porque já ele se diferenciava de acordo com as regiões em que era falado. O Serafim reconheceu isso.

Depois disso vem o estruturalismo. O estruturalismo chegou até mim através do Mattoso Câmara, na fonética, fonologia, que o Mattoso chamava 'fonêmica', da maneira americana. Fomos para a fonologia através da tradução francesa do livro do Troubetzkoy. O Serafim foi o primeiro a dar notícia, em 1939, na Revista Filológica. Ele já conhecia por catálogos o livro do Troubetzkoy. A primeira edição do livro era alemã, quando a Segunda Grande Guerra começou, durante todo esse tempo, (1939-1945) no Brasil, ficou um hiato. Depois que acabou a guerra é que se começou a difundir mais o estruturalismo entre nós e o grande difusor do estruturalismo foi o Mattoso Câmara.

Mattoso Câmara está muito ligado ao estruturalismo. Tem a Estrutura da língua portuguesa, a fonologia que ele chamava de fonêmica, que é o estruturalismo na Fonética, vamos dizer assim. Mattoso trouxe realmente uma contribuição que ficou, que é a fonologia com as oposições distintivas. Realmente, fonema não é realidade meramente fônica. Fonema é uma realidade lingüística no sentido estrutural: o fonema, o mesmo fonema, o mesmo som



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

oral pode ser fonema numa língua e pode não ser em outra, porque em uma tem oposição distintiva e em outra não tem. Digamos que em uma língua é variante e noutra língua é fonema e isso não se dá, por exemplo, entre o português do Brasil e o português de Portugal. Há variantes, mas não há fonemas distintos, opositivos.

A 'Fonêmica' foi uma tese que ele apresentou para doutoramento. Havia três professores na banca: eram o Sousa da Silveira, o Faria e um outro, não me lembro qual era.⁵ Ele defendeu essa tese muito bem. Aliás, teve lá até uma oposição, um aborrecimento com o Faria na banca. Não me lembro qual foi, sei que era uma coisa que estava lá na tese dele e o Faria discordou. Faria, a meu ver, não tinha razão. Acho que o Faria ficou aborrecido, mais do que o Mattoso. Mas não disse nada, não.

A arguição do Sousa da Silveira foi mais calma. Sousa da Silveira falou no problema das nasais. Porque Mattoso Câmara defendia que não havia em português propriamente vogal nasal, que era uma vogal oral, seguida de travamento, que havia um arquifonema, não sei o quê. Lembro-me que Sousa fez uma objeção do ponto de vista articulatorio, o que não era a tese. A tese não era de fonética articulatória. De qualquer maneira era o ponto de vista de uma outra posição, que requeria uma explicação. Mattoso Câmara foi o primeiro a trazer essa lingüística também para Portugal.

O estruturalismo pode auxiliar nas tarefas da filologia ou da gramática de tradição pedagógica. Não dá mais para fazer uma classificação meramente fonética que era a do Oiticica, que era do Nascentes e tal, não é? As gramáticas que tiveram um certo fundamento científico, como a do Bechara, por

5 A tese doutorado de 1949 de Mattoso Câmara, publicada em 1953 com o título de *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa* (Rio de Janeiro: Organização Simões; 2. ed. preparada por Raimundo Barbadinho Neto de acordo com instruções deixadas pelo autor. Rio de Janeiro: Padrão, 1977), teve como comitê examinador Sousa da Silveira (1883-1967), Celso Cunha (1917-1989) e Ernesto de Faria (1906-1962).



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

exemplo, aproveitaram, ainda que em parte, e discretamente, o estruturalismo lingüístico. Mattoso tem muita coisa sobre morfologia também, mas aí não há o mesmo rigor que há na fonologia, embora caiba muita coisa. Eu acho que há oposições nítidas na morfologia também. Agora, na sintaxe e na semântica é que a coisa é mais difícil. Principalmente na significação referencial, lexical, fica difícil fazer oposições. Você pode tentar fazer uma semântica estrutural, mas não sei, uma semântica estrutural é sempre, vamos dizer assim, uma semântica deficitária, não é? Porque a semântica está ligada à ideologia, à sociologia, a classes sociais, a mentalidades.

.....

Serafim era muito inteligente, de modo que ele não precisava ler muito uma prova, não, para logo ter idéia do valor da prova. E julgava bem, ele conhecia os alunos, eu me lembro. Uma vez ele entrou lá na Católica, e lá vinham as alunas – eram sempre alunas, né?

– Professor, o senhor já leu as nossas provas?

E ele tirava os óculos assim...

– Minha filha, ainda não tive tempo de ler os bons autores.

Ele era mesmo assim, piadista, bem-humorado, muito engraçado mesmo. O Serafim era muito expansivo. O Serafim tinha conversa, ele conversava com o porteiro, ou conversava com a moça do café, ou conversava com um professor estrangeiro, todos eles gostavam da conversa do Serafim. Ele sabia conversar um assunto com cada um, de modo que as pessoas gostavam de se aproximar do Serafim para conversar com ele. Com o Mattoso não.

Celso Cunha era mais político e houve de certo modo uma tensão, você pode chamar assim, entre Celso Cunha e Mattoso Câmara. Os dois eram candidatos à vaga do Sousa da Silveira. Eu até fui contatado para fazer parte da banca mas não aceitei, eu era realmente amigo dos dois. E, entre os



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

dois, era difícil dizer qual é que sabia mais língua portuguesa. Não sei quem foi dizer isso ao Mattoso, eu soube que ele não gostou dessa frase:

— Veja só, o senhor querendo me comparar ao Celso Cunha!

Celso Cunha era forte em língua portuguesa, mas Mattoso achava que Celso Cunha estava realmente abaixo dele. Eu achava que em língua portuguesa o Celso estava mais indicado – isso eu não disse, mas pensei – e o Mattoso mais em lingüística. E na lingüística ele realmente foi preterido. Nunca criaram a cadeira de lingüística na faculdade para não ter que dá-la ao Mattoso Câmara. Mattoso Câmara morreu e não chegou a ser catedrático. Chamavam-na de ‘disciplina’ e não ‘cadeira’, alguma coisa assim.

A banca era meio esquisita, não me lembro bem de todos, mas me lembro do Eremildo Luís Viana, que era de história e, realmente, não tinha que estar nessa banca. Mas Eremildo foi lá porque eles sabiam que ele iria votar para o Celso Cunha. Tinha o Pedro Calmon. Sousa da Silveira não fez parte da banca. Devia fazer, porque ele era o catedrático. E eu me lembro que o Faria também fazia parte da banca. O Faria tentou dar uma explicação regimental para a não indicação de Sousa da Silveira, ao que o Sousa respondeu:

— Se é o regimento que não permite, o senhor está dispensado de qualquer explicação, com licença.

E foi embora.

.....

Acho que eu sou filólogo, mas não me sinto filólogo. Eu prefiro me considerar um lingüista. Ou melhor, não um *lingüista*, lingüista mesmo é Roman Jakobson (1896-1982), são homens assim que têm direito de se chamar lingüistas, não é? Sou um aprendiz de lingüística. Mais do que de filologia. Meu único livro mais de cunho filológico é *Preparação à lingüística românica*.



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

O problema da língua brasileira não é um veio filológico. Minha posição ali é vossleriana, estilística vossleriana, que alguns chamam estilística genética, e que eu chamaria estilística criativa. Sempre achei Vossler melhor que Bally, porque ele procura ver dentro do texto aquilo que faz o texto ter vida. A criatividade pode não estar necessariamente numa língua dita literária, na popular também existe a criatividade, é essa parte que não está submetida nem à morfologia, nem à sintaxe, essa parte é aquela que decorre do estilo. A ordem das palavras, a seleção do vocabulário é uma coisa muito importante, é do estilo, é saber colher a palavra, aquelas que comunicam um pensamento, ou sentimento. É muito comum dizer assim, “um bom gramático é aquele que não sabe escrever”, quer dizer, ele escreve de uma maneira tão correta, tão rígida, fica tão fria. Você às vezes precisa realmente infringir a regra da gramática, porque como dizia Vossler, se entram em conflito a gramática e o estilo, é o estilo que deve prevalecer. Então, essa criatividade existe na língua brasileira. A diferença não está na língua, a língua é a mesma; está no estilo, existe um estilo brasileiro e um estilo portugueses.

Então, não é bem filologia, é sociolingüística, não é?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. (1999) *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna.
- ELIA, Sílvio. (1941) *O problema da língua brasileira*. Rio de Janeiro: Pongetti.
- _____. (1974) *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- MATTOSO CÂMARA, Joaquim. (1970) *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- LOURENÇO DE OLIVEIRA, J. (1933) *A ortografia de nossa língua (pela simplificação ortográfica)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais.



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

- NASCENTES, Antenor. (1932) *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- _____. (1928) *Método prático de análise lógica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- OITICICA, José. (1919) *Manual de análise: léxica e sintática*. Rio de Janeiro: Baptista de Souza.
- _____. (1926) *Manual de estilo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves (2. ed. 1933; 3.ed. 1940.)
- SILVA NETO, Serafim da. (1941) *Resenha a Trubetzkoy, 1939*. *Revista Filológica* 10: 87.
- _____. (1957) *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- TROUBETZKOY, Nikolai S. K. (1949) [1939] *Princípios de Phonologie* (trad. francesa por J. Cantineau do original *Grundzüge der Phonologie*, *Travaux du Cercle Linguistique de Prague* 7, 1939). Paris: Klincksieck.
- VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. (1904) *Ortografia nacional. Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Lisboa: Viúva Tavares Cardoso.